

## **Rizkallah Jorge Tahan: sua vivência e atuação profissional na cidade de São Paulo**

RENATA GERAISSATI CASTRO DE ALMEIDA<sup>1</sup>

*Thus while technology is critical to city building, it is the human input into the systems that is crucial to urban development. As such, the systems – no matter how large or consolidated they are- do not become autonomous, but exist within limits imposed by the available technology, the hand of their operators, and the use put to them by their use. (MELOSI, 1990:56)*

### **Introdução**

Ao caminhar pelas ruas e bairros da cidade de São Paulo, uma das principais características que salta aos olhos é a diversidade presente nos mais variados aspectos como a fisionomia dos paulistas, a existência de bairros que são predominantemente habitados por determinadas etnias - como é o caso da Liberdade - e, talvez, como principal exemplo, a gastronomia. Em virtude da convivência de uma diversidade étnica tão grande dentro de um mesmo espaço, algo que não tem sido muito comum nos dias atuais graças à crescente intolerância, a cidade parece oferecer um exemplo de convivência harmoniosa.

Esta diversidade se deu pela interação de diversas etnias na capital paulista, que durante o processo migratório foi povoada por pessoas das mais variadas partes do mundo. Apesar desta imagem de convivência harmoniosa, deve-se perceber que a imagem de cidade que a todos acolhia foi construída ao longo dos anos, fruto de um discurso que tentava imprimir marcas cosmopolitas à cidade e ao Estado de São Paulo. Entretanto, este cosmopolitismo possuiu outras faces, nas quais o incentivo à imigração se inseria em virtude do fim da outrora lucrativa escravidão, bem como da política de embranquecimento atrelada à ideia de Modernidade. Portanto, nem todos os imigrantes eram bem vindos, e como propõe Sevcenko, a capital estava mais para um *Cativeiro da Babilônia*, que uma *Babel invertida*, como sugeriu um cronista da época. Portanto, os imigrantes que enriqueceram na cidade não foram vistos pelas famílias tradicionais com muito bons olhos (SEVCENKO, 2009:37).

Ao estabelecer como foco um determinado ator social, o imigrante sírio-libanês Rizkallah Jorge Tahan, faz-se necessário amarrar sua trajetória com o contexto em que se

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), atualmente é aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e bolsista de Mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

insere, sua formação, seu meio e a cultura. Pesquisar a agência deste significa articulá-la com as diversas áreas de interesse que compuseram sua trajetória na cidade de São Paulo entre o momento de sua chegada ao Brasil no ano de 1895 e 1949, seu falecimento. A partir de sua experiência é possível pensar questões relativas à imigração sírio-libanesa, ao sanitarismo, o mercado imobiliário, no ramo da construção civil, as comunidades religiosas e comunidades de auxílio que frequentou. Começamos conhecendo a trajetória de Rizkallah na capital, sua inserção no contexto migratório paulista, dos sírio-libaneses e os aspectos que propiciaram com que este pudesse deixar diversas marcas na cidade.

### **Atuação Profissional na Cidade de São Paulo**

O surgimento de um vasto Império Mulçumano ao longo do século X fez com que emergissem grandes cidades, as maiores da metade ocidental do mundo neste período, estas criaram uma área econômica que estava ligada ao Mar Mediterrâneo e ao Oceano Índico, locais nos quais se situavam as principais rotas comerciais europeias. Esta conexão entre espaços geográficos propiciou interações e circulação de mercadores, artesãos e peregrinos, munidos de suas ideias e técnicas, além do maior desenvolvimento de trocas comerciais de longas distâncias. (HOURANI, 2006:71)

*“as cidades do Oriente Médio eram não apenas consumidoras, mas produtoras de bens manufaturados para exportação e para consumo próprio. Parte da produção era em grande escala – armamentos de guerra fabricados em arsenais do Estado, têxteis finos para o palácio, refinarias de açúcar e fábricas de papel -, mas a maioria se fazia em pequenas oficinas de têxteis ou metalurgia”. (Hourani, 2006:72).*

Em geral verifica-se que as cidades possuíam além da figura do mercador, a figura dos lojistas e artesãos especializados, que compunham a maior parte dos habitantes destas cidades. A característica destes locais era a produção pequena e sua continuidade própria, uma vez que as especializações tendiam a ser transmitidas de pai para filho, da mesma maneira que as oficinas, que acabavam sendo passadas por gerações.

Inserida nesta tradição está à trajetória profissional de Rizkallah Jorge, que aprendeu os mistérios da fundição de cobre com seu pai, na cidade de onde provinham, um dos povoados mais antigos do mundo, habitado desde XI. A.C, Alepo ou “Halab”, que pode significar tanto “cobre” ou “ferro” na língua amorita, ou “branco” em aramaico. Jorge Tahan levava seu filho desde criança à sua loja no “souk”, uma espécie de mercado a céu aberto

onde os profissionais exerciam suas atividades especializadas, neste caso a fundição de cobre<sup>2</sup>.

No ano de 1897, com Rizkallah Jorge tendo completado 20 anos, sendo o mais velho de oito irmãos e dividindo com seu pai a responsabilidade da continuidade de sua família, ambos decidem se mudar para Homs, buscando aumentar seus lucros, tentando escapar da enorme concorrência no ramo em que exerciam, uma vez que era uma atividade extremamente tradicional em Alepo.

Ao longo dos cinco anos em que viveram em Homs, seu comércio floresceu e possibilitou que a família pudesse ter uma reserva, porém ao fim deste período Jorge Tahan faleceu, deixando a incumbência da manutenção de sua família a cargo de Rizkallah Jorge Tahan.

Em face aos acontecimentos, Rizkallah Jorge Tahan, acompanhado de sua família, retorna a Alepo e se casa com Zakie Naccache, filha de um famoso ourives da cidade, a quem já havia sido prometido por seu pai. Após seu casamento, em decorrência de uma grave crise na indústria de cobre da região, sua situação financeira se tornou desfavorável e as notícias sobre o enriquecimento na América fizeram-no decidir emigrar sem avisar nenhum de seus familiares, deixando lhes apenas um bilhete para lerem depois que já tivesse partido. Com apenas seis meses de casado tomou um vapor até Trípoli e um vapor francês com direção ao Brasil, desembarcando no Porto de Santos em 1895 e seguindo viagem com seus companheiros à cidade de São Paulo.

Ao chegar à cidade de São Paulo, o imigrante ao contrário da maioria de seus patrícios que ao chegarem se envolviam com a comercialização de tecidos e outros objetos, tornando-se, assim, mascates, Rizkallah Jorge procurou uma profissão que se adequasse à atividade que exercia em sua terra natal: a fundição de cobre. Isto mostra uma peculiaridade deste imigrante dentro do grupo de sírio-libaneses que imigraram ao Brasil, pois a grande maioria destes homens eram camponeses analfabetos, já este sabia ler, escrever e era um artesão bem posto em sua sociedade de origem, algo que era notado dentro da comunidade aqui fixada e que foi explorado por ele como fator de distinção social e de capitalização.

Inicialmente, o alepino não dominava o português, e conseguiu apenas um emprego de faxineiro em uma loja que vendia metais importados na rua Florêncio de Abreu, porém com o

---

<sup>2</sup> Biografia feita por Farés Dábague. IN: "AL-Kálimah" São Paulo, 25/08/1934. Dábague conta que para escrever a biografia teve como base os 15 anos de convivência com Rizkallah, período em que ficou sabendo de diversos fatos da vida deste.



tempo conseguiu mostrar suas habilidades no beneficiamento do cobre, tornando-se posteriormente gerente, sócio e por fim comprou a empresa do patrão, que estava endividado. Após três anos na capital, no dia 20 de maio de 1898 foi inaugurada a Rizkallah Jorge e Cia.

### **A Boia Sanitária e seu vínculo com a Saúde Pública e o Sanitarismo**

A face mais conhecida, contudo não exclusiva, da figura de Rizkallah Jorge, sem dúvida, é a ligada ao comércio, como o proprietário da Casa da Boia, uma vez que a história desta loja está intimamente relacionada tanto ao seu fundador, quanto à história da própria cidade de São Paulo. Rizkallah, quando chegou ao Brasil, já era um artesão hábil e percebeu que sua habilidade como fundidor, não era comum na cidade, portanto viu a possibilidade de instalar uma pequena indústria para desenvolver o ofício que dominava perfeitamente desde sua terra natal. Após três anos em São Paulo foi fundada a Casa da Boia, inicialmente, denominada Rizkallah Jorge e Cia, local que vendia, principalmente, materiais hidráulicos, na grande maioria feitos em cobre e trazidos do exterior.

Contudo, não foi apenas a habilidade artesanal de Rizkallah, que propiciou o sucesso deste empreendimento, outro fator teve uma enorme relevância: a situação sanitária e a importância dada a ela neste período.

Em fins do século XIX, com a fundação da Sociedade Promotora de Imigração (SPI), e a entrada de milhares de imigrantes ocorre uma enorme expansão demográfica na cidade, que pode ser identificada como responsável por uma série de problemas sociais, como as aglomerações urbanas, a falta de moradia e a insalubridade. Maria Alice Rosa Ribeiro propõe que o Estado, ao assumir a responsabilidade de criar mercado de trabalho livre também sentiu a necessidade de estender sua ação no sentido de criar uma infraestrutura institucional capaz de atender aos problemas decorrentes do aumento populacional por ela incentivado. (RIBEIRO, 1993:20).

Após a Proclamação da República, para efetivar seus projetos com relação ao trabalho livre, o Estado se tornou o responsável pela saúde pública, uma vez que para poder atrair imigrantes era necessário sanear as cidades. Entre os anos de 1891 e 1893 o Serviço Sanitário foi organizado, sendo subordinado à Secretaria de Estado do Interior. Para sua atuação foram criados um Conselho de Saúde Pública e uma Diretoria de Higiene, que visavam tratar das questões do saneamento básico, do policiamento sanitário e das desinfecções. No ano de 1894 foi promulgado o primeiro Código Sanitário com 520 artigos de normas que regulamentavam tanto o espaço público quanto privado, até então este tema era regulado pelas normas vagas contidas no Código de Posturas Municipais de 1875, que estabeleciam normas para as

construções, como as inerentes às alturas entre chão e teto, a necessidade de janelas em todos os cômodos, eliminação de alcovas. (RIBEIRO, 1993:30).

Os efeitos da falta de saneamento deixavam vítimas na cidade desde o século XIX, pela doença classificada pelos médicos da cidade como “febres paulistas”. A situação precária do saneamento agia diretamente no aumento das epidemias, em especial daquelas cuja contaminação se dava pelos sistemas de água e esgoto. É possível ter uma dimensão do grau de propagação dessas epidemias sobre as cidades de São Paulo, por meio do relatório do Secretário do Interior, Vicente de Carvalho, datado de 7 de Abril de 1892. Enviado ao Vice-Presidente do Estado de São Paulo, o relatório dizia que:

*mesmo em circunstâncias ordinárias, no gozo do clima tradicionalmente bom com que a natureza favorecia a generalidade do território paulista, a higiene devia preocupar seriamente a atenção dos poderes públicos. Era um dever de providência opor todas as resistências da higiene à invasão da imundície humana. Que acompanha a acumulação progressiva das populações, que vinga mesmo contra as melhores condições naturais. Desgraçadamente, não cabe já à nossa geração, o simples cumprimento dessa tarefa. É tarde para prevenir. A peste penetrou pelas portas escancaradas que o desleixo lhe facultou. Vimos encontrá-la vencendo na conquista do nosso território para a desolação e para a morte. Não nos criemos ilusões inúteis e perigosas. Não fechemos os olhos diante da evidência. A febre amarela transpôs a barreira da Serra do Mar, que parecia opôr-se-lhe, e revela-se domiciliada, senhora do terreno, no opulento Oeste do Estado. Acredito que um enérgico esforço nesse sentido não será desaproveitado. A eliminação dos focos de infecção, pelo saneamento, e o exercício constante de uma rigorosa polícia sanitária, defender-nos-ão sem dúvida das invasões da peste. (TELAROLLI Jr., 1996: 139)*

As doenças que se espalhavam afetavam a máquina administrativa, o setor cafeeiro e o cotidiano das cidades, não poupando, como visto, a capital. Apesar de o relatório ter apontado a febre amarela, haviam outras doenças que causavam a morte de diversas parcelas da população, entre elas: a febre tifoide, difteria, tuberculose, varíola e peste bubônica. Adolpho Lutz, chefe do Instituto Bacteriológico, advertiu que a imprensa deveria informar a população e a municipalidade deveria fornecer subsídios para a prevenção desta. Para este sanitarista, a principal questão que envolvia esta doença era a higiene:

*Pelos jornais diários devemos advertir ao público de não usar senão água filtrada. ... Entre nós não se pode negar que temos uma epidemia. Prevenir a população seria o primeiro passo. Em segundo lugar, devemos influir sobre as autoridades, para colocar filtros em todas as casas. Para não embaraçar, neste caso, as classes*

*mais pobres, o governo devia encomendar uma quantidade grande de filtros e vendê-los a preço de custo. Seria também de grande importância mandar examinar todas as fontes da Cantareira, se contêm bacilos de tifo, e não deviam ser usadas aquelas em que se encontrassem os mesmos. Devia-se nomear uma comissão de médicos da sociedade, encarregando-os da instrução do público, como também de fazer as propostas necessárias às autoridades competentes. (TEIXEIRA, 2004: 17)*

Os profissionais de saúde do período procuravam saídas para conter esses problemas que afetavam, sobretudo, as populações mais pobres, suas soluções ora seguiam as concepções miasmáticas e ora as bacteriológicas, uma vez que este era um momento de transição para o conhecimento médico (RIBEIRO, 1993:32). Os autores Paulo César Xavier Pereira e Maria Ruth Sampaio, chamam atenção para o fato de que os relatórios produzidos pelas autoridades em fins do XIX apontavam para uma situação habitacional calamitosa, destacando a precariedade dos cortiços infectos e insalubres situados nos bairros centrais da cidade, que geravam uma preocupação generalizada de que ali poderia ocorrer uma possível epidemia que afetasse toda a população (SAMPAIO; PEREIRA, 2003: 167).

Portanto, é possível perceber por meio dos discursos de médicos do período, que para a saúde pública os indivíduos foram percebidos de formas diversas, escolhendo-se os pobres como a categoria que representava perigo:

*“as práticas das desinfecções eram intervenções destinadas aos pobres e aos trabalhadores; as demais classes sociais gozavam de privilégios, quer em relação à saúde quer em relação ao tratamento da doença” (RIBEIRO, 1993:32).*

A cerca das habitações na área central, observa-se que o município realizou obras tentando “modernizar” este espaço, porém, não se pode deixar de frisar o papel desempenhado, intencionalmente, pela iniciativa privada. A relação entre o setor público e privado foi uma faceta importante da modernização de São Paulo, levando, inclusive, a administração pública a oferecer incentivos para que o setor privado se dispusesse a colaborar na questão do higienismo, e recebendo como contrapartida a permissão para que atuasse conforme seus interesses imobiliários, segregando as pessoas, e empurrando as que viviam nos cortiços das áreas centrais para as áreas periféricas, pois representavam um “perigo” à situação sanitária. O crescimento da cidade se deu em função de interesses dos empresários imobiliários do período, que usaram a terra como reserva de riqueza e realizaram uma expansão maior que a necessária para abrigar a população da capital.

A relação entre a iniciativa pública e privada pode ser pensada também no surgimento das redes de abastecimento<sup>3</sup>. Campo sugere pensar essas redes em dois momentos: a primeira se dá no momento em que os órgãos públicos percebem a necessidade de Sistemas de Abastecimento de Águas e convocam a iniciativa privada a elaborar propostas de ação, porém, ao perceber que este era um empreendimento caro, a Província contrata engenheiros para realizarem estudos sobre quais seriam os locais que poderiam resolver a necessidade de abastecimento hídrico de São Paulo, e depois de realizados estes levantamentos, convocam empresários para realizarem estas obras.

Já o segundo momento se dá com a mudança da Monarquia para a República, considerado pela autora como algo crucial, pois são reformuladas as bases da administração política, dando ao Estado a autonomia necessária para gerenciar estes serviços. Somada à mudança política, estão às críticas tecidas pelo engenheiro fiscal Francisco de Paula Souza à exploração mercantil destes setores, algo que não condizia com as necessidades da cidade, dado que ela gerava irregularidades no abastecimento e no serviço de esgotos, e permitia que as empresas utilizassem materiais impróprios para o escoamento. Portanto, fez-se necessária a encampação da Companhia pelo governo para que estas obras pudessem ser bem realizadas. Campos considera este processo de mudança do setor privado para o público como benéfico:

*Quando o Estado passa a promover a produção do saneamento (uma produção que necessitava de grande soma de dinheiro), são visíveis as melhorias conquistadas para o abastecimento como para a própria condição sanitária da cidade. (CAMPOS, 2005:224)*

A autora tem como objetivo de análise compreender qual foi o momento em que a questão do abastecimento de água das cidades passou a ser uma questão de prioridade, presente, inclusive, nos debates políticos, sendo o marco temporal o ano de 1875 quando começam as escolhas das companhias para executar as obras de infraestrutura que culminam na seleção da Companhia Cantareira. Contudo, outros autores como Sidney Bernardinni consideram que o principal momento das intervenções ocorre quando o Estado se torna o produtor destas ações a partir da Repartição de Águas e Esgotos (RAE) em 1893, contudo,

---

<sup>3</sup> Sobre as redes de abastecimento de água e esgoto, se, de um lado, mostraram-se cruciais para conter as ameaças à saúde e o aumento da poluição que ocorriam em decorrência das aglomerações de pessoas em um mesmo local, por outro, poluíram os rios e geraram um novo problema a ser resolvido a posteriori. Logo, várias contradições permeiam a existência das cidades e as modificações operadas pelas inovações técnicas, pois apesar de a tecnologia ser pensada como forma de solucionar os problemas do período elas geram novos problemas que deverão ser enfrentados apenas com futuras inovações. Já a contradição que permeia a cidade é o fato de oferecer tanto o ambiente necessário para promover as novas tecnologias, como ser por elas afetada, algo que faz com que em alguns momentos o tecido urbano se beneficie, quanto seja vítima da técnica. MELOSI, 1993: 46.



para ele a questão da infraestrutura sanitária nunca foi uma prioridade na agenda de ações governamentais.

Campos identifica a produção do saneamento foi algo necessário dentro deste “complexo cafeeiro”, que gerou aumento populacional e que precisava de condições de saúde favoráveis tanto para a reprodução da força de trabalho, quanto para a reprodução do capital, bem como contribuía para o distanciamento da imagem de cidade atrasada que transportava seus dejetos por meio dos escravos. Para a autora, o saneamento gerou um “valor de uso” que propiciou a mercantilização de diversos serviços, ocorrendo um pequeno recuo nas preocupações sanitárias nos anos próximos a 1889, momento em que a Província passa a se preocupar com fatores com maior impacto econômico, por exemplo, a questão sobre qual seria a melhor forma de uso/ocupação do território paulista, principalmente alvo de estudo por parte da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, mas ainda dentro de 1889, o surto de epidemias de febre amarela e varíola voltam a chamar atenção para a péssima qualidade da água e para a falta de esgoto que volta a agenda política do período.

Já para Bernardini, o café contribuiu negativamente para a questão sanitária, uma vez que os esforços para o desenvolvimento da economia agroexportadora tornaram a questão sanitária, secundária. O autor aponta que a preocupação do Estado de São Paulo com este tema se inicia em 1892 com o órgão estadual da Diretoria de Higiene, definindo quais seriam as prioridades de ação do governo, resultando na reforma do espaço urbano da capital e de algumas outras cidades, objetivando conter as epidemias e equipar as cidades com rede de água e de esgoto, drenagem de córregos, serviços de coleta de lixo.

Apesar destas medidas o autor considera que as ações não ocorreram no volume necessário, havendo neste contexto, interesses contraditórios entre a iniciativa pública e a iniciativa privada, além de uma atuação desfavorável por parte do governo estadual, que além de não compreender em seu universo de intervenção todos os municípios paulistas, não conseguiu nos locais onde as realizou promovê-la de forma integrada. Bernardini destaca que a iniciativa privada apresentava um desinteresse em atuar nas obras de infraestrutura sanitárias, por seus altos custos e pela baixa lucratividade, sendo a única experiência bem sucedida em São Paulo, o caso da Companhia City de Santos, que possuía, como interesses, não a gestão das redes, mas, sim, a possibilidade de fabricação e importação dos materiais ligados a estas obras, uma vez que neste período a importação de peças não produzidas localmente era um negócio lucrativo. Em contrapartida o setor de energia elétrica e transportes atraiu o olhar dos investidores, já que se associavam diretamente a produção do



capital industrial, algo que gerou uma primazia das cidades do interior sobre a capital, resultando na seguinte situação:

*a facilidade encontrada pelas companhias, deu-lhes a possibilidade de promover uma urbanização parcial, iluminando as ruas, eletrificando as casas e levando, muitas vezes, transporte público em cidades que ainda não tinham os sistemas completos de saneamento. (BERNARDINI, 2010:23)*

O cenário descrito só se tornou alvo de uma ação mais enfática a partir de 1918, com um movimento sanitarista nacional, a Liga Pró-Saneamento do Brasil, que procurou por meio do saneamento e da educação sanitária, a cura para as epidemias que assolavam a população. Em 1919, houve a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que consolidou a participação do Estado na saúde pública e deu amplitude aos serviços sanitários federais, que a partir de então se solidificou. Portanto, observa-se que a questão sanitária, apesar de intimamente ligada às mudanças nas cidades, é alvo de posturas divergentes em diferentes recortes temporais e espaciais.

#### **A fundação da Rizkallah Jorge e Cia, e sua posterior consolidação como Casa da Boia S.A. Comércio e Indústria de Metais;**

Portanto, é possível perceber que a questão sanitária era uma discussão latente tanto antes da fundação do comércio Rizkallah Jorge e Cia, quanto depois, e é em virtude de uma epidemia que se espalhou pela cidade, que o comércio ganhou fama. Mario Rizkallah, neto de Rizkallah Jorge, conta que o lugar obteve grande fama principalmente depois de 1911, quando uma epidemia de febre amarela afetou a cidade e se alastrou rapidamente devido às condições sanitárias precárias. Aproveitando este contexto e o nicho de mercado que se criava em decorrência da saúde pública, tendo em vista o predomínio do higienismo e do sanitarismo na virada do século, Rizkallah Jorge passou a comercializar as boias para caixa d'água que fizeram com que seu estabelecimento passasse a ser conhecido como "Casa da Boia", e mudasse, conseqüentemente, sua razão social em 1951 para "Casa da Boia S. A. Comércio e Indústria de Metais".



Nos anos iniciais de funcionamento, a produção do local se restringia a artigos de decoração em cobre, tais como candelabros e arandelas, principalmente a partir de 1903 a produção foi ampliada englobando também materiais sanitários tais como sifão, boia para caixa d'água, canos e caixas de descarga (BERNHOEFT, 2011).

**Figura 1** – Primeiros Sifões comercializado no local.

**Fonte:** Acervo Pessoal Casa da Boia.

No início do XX não havia muitas empresas explorando o ramo dos metais, verificamos que a maior parte se encontrava na capital, o Rio de Janeiro, logo, o fato de dividir o mercado com poucas empresas e ser um dos dois locais que fabricavam torneiras deu notabilidade ao comércio de Rizkallah Jorge.

FUNDIÇÃO DE METAIS	
Empresa	Cidade
Alegria & C	Rio de Janeiro
Comp. Mc. Hardy	Campinas
F. Amaro	São Paulo
F. Lebre	Rio de Janeiro
Felismino Soares & C	Rio de Janeiro
Fundição do Braz	São Paulo
Hime & C. (Empreza Progresso)	Rio de Janeiro
Justino Alegria & C	Rio de Janeiro
Kobler & C	Rio de Janeiro
L. B. d'Almeida & C. (sucessores de Marau, Ferreira & C)	Rio de Janeiro
Rizkallah Jorge	São Paulo
The Brazilian Coal Company, Limited.	Rio de Janeiro

Tornearias	
Empresa	Cidade
Vianna & Silva	Rio de Janeiro
J.F. Couto (Officina Modelo)	Rio de Janeiro
Rizkallah Jorge	São Paulo

Nickelagem	
Empresa	Cidade
Franklin, W. Hatch	São Paulo
Rizkallah Jorge	São Paulo

\* Dados do Almanach Industrial Rio de Janeiro e São Paulo, de 1905.  
*Sistematização Renata Geraissati Castro de Almeida*

Por meio de um levantamento efetuado em jornais pode-se identificar a repercussão que os objetos vendidos pela Casa da Boia tiveram para a municipalidade de São Paulo, indicando que o comércio não era efetuado apenas com a iniciativa privada. Alguns exemplos são: “6\$000 a Rizkallah Jorge; (...) pelos materiaes fornecidos para as obras de quinta delegacia” (Jornal O Estado de São Paulo, 04/09/1910); “8\$000 a Rizkallah Jorge; (...) por fornecimentos á Repartição de Aguas e Exgottos” (Jornal O Estado de São Paulo, 06/09/1910) e “28\$000 a Rizkallah Jorge; (...) por fornecimentos dados para obra do prédio n. 1 da rua do Carmo” (Jornal O Estado de São Paulo, 04/09/1910). Em seu acervo também constam comprovantes de compra, por parte do município, de objetos tais como cano de chumbo, sifão de chumbo, torneiras de boia e ralos de cobre para obras do Ginásio do Estado, na rua Frederico Alvarenga, em 1931.

Um ponto fundamental para se compreender a trajetória deste comércio e indústria está relacionado às tradições da cultura de Rizkallah. Para os sírio-libaneses, assim como para outras nacionalidades que afluíram ao Brasil, a família assume um papel central, tanto na vida dentro da casa, como no mundo dos negócios. Logo, a economia familiar terá muita importância nas fases iniciais destas empresas, já que no primeiro momento os negócios dependem do trabalho familiar. Truzzi destaca que “organizar a família para cooperar e sobreviver moldou a entrada do imigrante na nova sociedade. A célula familiar permaneceu o modo tradicional de compreender e de ordenar a vida” (TRUZZI, 2000:330). Logo, grande parte do sucesso dos empreendimentos da colônia sírio-libanesa se deu neste sentido, algo passível de ser verificado na administração da Casa da Boia. Os filhos de Rizkallah sempre trabalharam e frequentaram a loja, e se tornaram sócios em 1934.



**Figura 2** - Mostruário  
Premiado nas Exposições.  
**Fonte:** Acervo Pessoal  
**Casa da Boia**

Por todos os fatores mencionados anteriormente, tanto o fundador, como a Casa da Boia, enquanto lócus comercial adquiriram notoriedade na cidade de São Paulo. Um claro indicativo disto está presente em um recorte de jornal arquivado no acervo da Casa da Boia. A matéria aponta que:

“Rizkallah Jorge (...) E' mais um grande lutador que São Paulo conta entre os seus industriaes. O sr.Rizkallah Jorge é perito em todos os artigos que sahem de suas bem montadas officinas. Tudo que diz respeito a fndição, tornearia e nickelaçãoelle executa com uma maestria inegalavel: alambiques, bombas, chuveiros, balanças, medidas, etc., são procurados de preferencia em sua casa e principalmente torneiras de qualquer feitio, pois é nesse artigo que elle revelou-se unico especialista em sua fabricação. Pelo bellomostruario que reproduzimos na página anterior vê-se que este dedicado industrial tambem concorreu ao grande certamen nacional expondo os magnificas trabalhos das suas correctasofficinas. Lá sem duvida saberão premiar com justiça a sua louvavel dedicacão." (Recorte de Jornal, Acervo Pessoal Casa da Boia)

As publicações de divulgação do local também dão destaque a seu fundador, mesmo as que tratam do período posterior a sua morte e aos prêmios recebidos, os objetos produzidos e seus mostruários premiados tanto na Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil<sup>4</sup>, quanto na Feira Internacional de Turim<sup>5</sup>. Este é o caso da revista *Commercio e Industria* e de outro recorte , cuja autoria e publicação não foram passíveis de identificação, mas que contêm a foto de Rizkallah e faz menção ao prêmio de Turim. O texto é o seguinte:

"Casa da Boia, (...) Grande fabrica de artefactos de metal para encanamentos de agua, gaz, exgostos; arandellas e lustres para luz electrica. Premiada com o grande premio na Exposição nacional de 1908 - Medalha de ouro - Exposição de Turim 1911." (Recorte de Jornal, Acervo Pessoal Casa da Boia)

Pelas premiações recebidas, pelos objetos produzidos na Casa da Boia, fica clara a preocupação que havia com a qualidade técnica e com o *design* de seus produtos. Esta preocupação fez com que Rizkallah contratasse dois funcionários europeus para modernizar, otimizar e ensinar a fabricação de alguns objetos em sua indústria. O artesão desejava que sua produção estivesse de acordo com o que era feito em outros lugares. Para tanto, contratou GroszeNipper por um período de dois anos, por doze mil réis por dia. Em contrapartida, este

---

<sup>4</sup> A exposição, ocorrida em 28 de janeiro e 15 de novembro de 1908, promovida pelo Governo Federal destinava-se a comemoração do centenário do Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas. Tendo como principal objetivo, apresentar nova capital da república que havia passado por um processo de urbanização no período do prefeito Francisco Pereira Passos. Nela se exibiram produtos naturais e manufaturados, oriundos dos principais estados brasileiros.

<sup>5</sup> A Exposição de Turim, que teve como tema o trabalho e a indústria foi iniciada em 29 de abril de 1911. O evento contou com participantes do mundo inteiro, inclusive o Brasil. Esta Exposição proporcionou aos participantes a oportunidade de divulgar suas indústrias e produtos, sendo uma ótima oportunidade para fechar negócios.



deveria se comprometer a não faltar ao trabalho e não trabalhar em nenhuma outra fábrica, caso isso ficasse comprovado seria imputada uma multa por rescisão do contrato. Nipper se comprometia, ainda, a cumprir com uma determinada produção diária, que compreendia “repuxar 12 boias e 50 chuveiros”, bem como “ensinar a um ajudante seu ofício”.

O outro funcionário contratado foi o alemão Wilhelm Lusting, contratado em 1912, para melhorar a parte de fundição, “tanto na moldagem como na preparação das ligas de metaes, fornecendo aos fundidores os respectivos modelos, conservando estes em boa ordem e concertando-os quando estiverem estragados”. Assim como Nipper, Lusting também se comprometeu a ensinar a outro funcionário os misteres referentes à fundição. Seu ordenado seria de 400\$00 no primeiro ano e 500\$000 no segundo. Descobriu-se que, Rizkallah também pagou as despesas de sua viagem.

A Casa da Boia foi, sem dúvida, a principal atividade desenvolvida por Rizkallah e foi por meio do retorno financeiro que ela lhe forneceu, uma vez que o comércio passava por um momento de franca expansão em decorrência do aumento populacional, que Rizkallah pode diversificar suas aplicações para diversos setores, como atividades imobiliárias e importação e exportação de cargas. A escolha pelo investimento nesses ramos se deu pelo contexto urbano da capital paulista.

### **Considerações Finais**

Após estudar diversos aspectos que permearam a vida de Rizkallah Jorge Tahan se tornou evidente que ela exprime as necessidades e as demandas de um determinado período. A Casa da Boia, um dos tradicionais comércios centenários da cidade, continua em funcionamento, porém poucos conhecem a narrativa que este local traz atrelado ao seu funcionamento.

Este fato mostra a importância que é para o presente estudar o passado das cidades, tanto para restituir o atual ambiente urbano de significado e experiências, quanto para fazer com que cenários da vida passada não caiam no esquecimento. Portanto, o estudo da urbanização é importante para a preservação da memória. Principalmente em uma cidade que por sua pujança econômica passa por modificações a todo o tempo.

Logo, ao partir de suas iniciativas no espaço da capital foi possível se chegar ao ator social que se envolveu com uma série de atividades que denotam o cosmopolitismo que passava a tomar conta do ambiente na virada do século XIX para o XX. Tanto a mentalidade da população, quanto as construções e usos da cidade passaram por inúmeras transformações.



## **Bibliografia**

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. História de Trajetórias Profissionais, Contextualizadas. *Desígnio – Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo –FAU/USP*. N.11/12. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Rita Wu.

ATIQUE, Fernando. *Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther*. São Carlos: RiMa/FAPESP, 2004.

BERNARDINI, S. P. . Cidades iluminadas e insalubres: saneamento e urbanização no Estado de São Paulo. *Oculum Ensaios (PUCCAMP)*, v. 11-12, p. 19-27, 2010.

BERNHOEFT, Renato. *Empresas Brasileiras Centenárias*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: SENAI, 2002.

CAMPOS, Cristina de. A promoção e a produção das redes de águas e esgotos na cidade de São Paulo, 1875-1892. *An. mus. paul.*, São Paulo , v. 13, n. 2, Dec. 2005 .

HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOURANI, Albert. *História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960.

MARINS, Paulo César Garcez. *Através da rótula: sociedade e Arquitetura no Brasil séculos XVII a XX*. São Paulo, Humanitas, 1999.

MELOSI, Martin V. "Cities, Technical Systems and the Environment." *Environmental History Review* (1990): 45-64.

PEREIRA, Paulo César Xavier. A modernização de São Paulo no final do século XIX – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). *Habitação e cidade*. São Paulo: Fapesp, 1998.

Ribeiro, Maria Alice Rosa. *História sem fim... Inventário da saúde pública. São Paulo - 1880-1930*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

SAMPAIO, M. R. A. ; PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. *Habitação em São Paulo*. USP Estudos Avançados 48, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 167-183, 2003.

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do séc. XIX ao XX*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



TEIXEIRA, Luiz Antonio. As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. suplemento, p. 41-66, 2004.

TELAROLLI Jr., Rodolpho: 'Immigration and epidemics in the State of São Paulo'. *História, Ciências, Saúde —Manguinhos*, III (2):265-283 Jul.-Oct. 1996.. P139.

TRUZZI, Oswaldo M. S. Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, Boris (Org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 330.